

## MUSICOTERAPIA E PESQUISA QUALITATIVA: DIÁLOGOS

*Music Therapy and qualitative research: dialogs*

*Musicoterapia e investigación cualitativa: diálogos*

*Rosemyriam Cunha<sup>1</sup>, Lisa Lorenzino<sup>2</sup>*

**Resumo** - A pesquisa qualitativa tem figurado com ênfase no campo das investigações musicoterapêuticas. Para estudar esse fato, este trabalho teve por objetivo descrever os princípios fundamentais da pesquisa qualitativa e suas relações com a pesquisa em musicoterapia. O texto, organizado em quatro partes, contempla 1) a evolução histórica do conhecimento científico ocidental até o advento da pesquisa qualitativa, 2) aspectos e fazeres que distinguem a abordagem qualitativa, 3) uma revisão de literatura que sistematizou as pesquisas musicoterapêuticas publicadas nos periódicos InCantare e Revista Brasileira de Musicoterapia, 4) uma discussão que articulou as partes em um todo. Trata-se de uma revisão histórica, de cunho qualitativo, tecida na perspectiva dialética que considerou pessoas e fatos históricos nas circunstâncias objetivas de vida. Os resultados mostraram a prevalência da abordagem qualitativa na pesquisa musicoterapêutica e especificidades como a observação e a utilização de relatórios para a obtenção de dados. Os dados sugeriram etapas da evolução da pesquisa musicoterapêutica e a demanda por estratégias metodológicas que fortaleçam as investigações e a construção teórica da musicoterapia.

**Palavras-Chave:** musicoterapia, pesquisa qualitativa, pesquisa histórica

**Abstract** - Qualitative research has figured prominently in music therapy investigations. In order to study this phenomenon, the objective of this study was to describe the qualitative research main principles and its relations with music therapy investigation. The text was organized in four parts as follows: 1) a historic evolution of the Western scientific knowledge until the advent of qualitative research, 2) aspects and practices that distinguish qualitative research, 3) a literature review that systematized music therapy research published in journals InCantare and Brazilian Journal of Music Therapy, 4) a final discussion which articulated these parts in a whole. The work is a qualitative historic review that adopted a dialectic perspective considering people and historic events in its concrete circumstances of life. Results showed the prevalence of qualitative research in music therapy investigation as well as observations and field reports as data sources. Data suggested music therapy research stages and demands on methodological strategies to enhance research and theoretical music therapy production.

**Keywords:** Music Therapy, Qualitative research, Historic research.

**Resumen** – La investigación cualitativa ha figurado con énfasis en el campo de las investigaciones de musicoterapia. Para estudiar este hecho, este trabajo tuvo como objetivo describir los principios fundamentales de la investigación cualitativa y su relación con la

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Musicoterapeuta; e-mail: [rose05@uol.com.br](mailto:rose05@uol.com.br) ; <http://lattes.cnpq.br/0536970443232460>

<sup>2</sup> PhD em Educação Musical, Música; e-mail: [lisa.lorenzino@mcgill.ca](mailto:lisa.lorenzino@mcgill.ca)

investigación en musicoterapia. El texto, organizado en cuatro partes, contempla 1) la evolución histórica del conocimiento científico occidental hasta el advenimiento de la investigación cualitativa, 2) aspectos y acciones que distinguen el enfoque cualitativo, 3) una revisión de la literatura que sistematiza la investigación en musicoterapia publicada en *InCantare* y *Revista Brasileira da Musicoterapia*, 4) una discusión que articuló las partes en un todo. Es una revisión histórica, de carácter cualitativo, tejida en la perspectiva dialéctica que consideró a las personas y los hechos históricos en las circunstancias objetivas de la vida. Los resultados mostraron la prevalencia del enfoque cualitativo en la investigación de musicoterapia y especificidades como la observación y el uso de informes para obtener datos. Los datos sugirieron etapas en la evolución de la investigación en musicoterapia y la demanda de estrategias metodológicas que fortalezcan las investigaciones y la construcción teórica de la musicoterapia.

**Palabras clave:** musicoterapia, investigación cualitativa, investigación histórica.

---

## Introdução

A pesquisa qualitativa se inscreveu na Ciência no final do século XIX, com o advento das Ciências Sociais e, no decorrer do tempo, se mostrou relevante para a construção de narrativas locais, situacionais e temporais. Essa abordagem, de acordo com Flick (2009), estuda os sentidos que as pessoas atribuem aos eventos que vivenciam com vistas à construção de um conhecimento descritivo e compreensivo dos fenômenos sociais.

Trata-se do uso de métodos que se abrem ao entendimento da existência de fatos e do porquê eles existem da forma como se apresentam (Duchastel & Laberge, 2019). Para tanto, o/a pesquisador/a busca entender os eventos na experiência diversa e única das pessoas e se interessa por reconhecer estratégias de ação, de interação e interpretações que elas fazem desses fenômenos. Duchastel e Laberge argumentam que por se tratar de um método aberto, as chances de ser considerado menos confiável aumentam. Logo, o rigor no processo da pesquisa qualitativa torna-se decisivo. Essa característica e sensibilidade da abordagem é consenso entre autores (Flick, 2009; Creswell, 2014), sendo ressaltada como o fator que exige do/a pesquisador/a a descrição detalhada de estratégias de investigação, dos problemas encontrados no decorrer do trabalho e dos procedimentos de análise dos dados, de forma a agregar confiabilidade à investigação.

No âmbito da pesquisa na área musicoterapêutica, já na década de 1990 a abordagem qualitativa foi indicada como predominante (Ruud, 1998). A musicoterapia é um campo de prática e saber interdisciplinar que, ao unir a música, a filosofia, a sociologia e disciplinas da área da saúde (Bruscia, 2014), forma um espaço complexo de interpretação da ação humana de produzir e relacionar-se com os sons. O objetivo fundante dos fazeres musicoterapêuticos é o de ampliar as possibilidades, dos/as participantes, de agir e participar do meio sociocultural em que vivem (Ruud, 1998).

Ao habitar essa área entrecruzada de campos de conhecimento, os/as musicoterapeutas se encontram com fenômenos diversos e possibilidades variadas de investigar os processos que desenvolvem por meio do fazer musical (Ruud, 1998). Uma busca na literatura sobre as considerações de musicoterapeutas a respeito da pesquisa

qualitativa do campo mostrou a preocupação com estratégias e detalhes de procedimentos metodológicos.

Coyle (2011), ao estudar interações musicais com pessoas no espectro do autismo, descreveu a pesquisa qualitativa como a abordagem que considera a percepção e o ponto de vista dos/as participantes. De acordo com a autora, essa modalidade é útil para a obtenção de informações sobre valores, comportamentos e opiniões particulares de populações. As pessoas podem responder às questões com suas próprias palavras, uma vez que a relação entre pesquisador e participante é menos formal do que no ambiente da pesquisa quantitativa.

Outros aspectos marcantes da pesquisa qualitativa destacados por Forinash (1993) foram o ambiente natural, o caráter descritivo, a preocupação com o processo, o trabalho indutivo e o papel central do significado. A autora situou as primeiras referências da condução de pesquisas musicoterapêuticas qualitativas no evento Música na Vida do Homem, realizado em Nova York em 1982. No mesmo trabalho, Forinash indicou sua preocupação com possíveis desafios que o campo iria enfrentar no que diz respeito às estratégias metodológicas. A menção da autora antevia especificidades da pesquisa musicoterapêutica da seguinte forma:

Research in music therapy presents a challenge as the researcher is faced with the task of both discerning artistic qualities such as creativity and improvisation, which are the essence of clinical work, and communicating those often ineffable features to other professionals in a coherent and well-defined manner (Forinash, 1993, p. 69).<sup>3</sup>

A preocupação com os procedimentos metodológicos também foi evidenciada por Amir (1993) em questionamentos sobre os paradigmas, modelos, métodos e ferramentas que poderiam ser usados para a construção de conhecimento e para dialogar com a teoria. Amir se preocupava com o significado das experiências musicoterapêuticas e as maneiras possíveis de estudá-las e descrevê-las.

Anos depois, Moore (2015) refletiu sobre a prática musicoterapêutica na área da saúde mental e fez ressalvas em relação ao baixo nível de evidências e à mistura de concepções encontradas no contexto da pesquisa musicoterapêutica. A autora indicou a

---

<sup>3</sup> A pesquisa em musicoterapia apresenta um desafio uma vez que o pesquisador se depara tanto com a tarefa de discernir qualidades artísticas como criatividade e improvisação, que são a essência do trabalho clínico, como com a de comunicar para outros profissionais de forma coerente e bem definida elementos geralmente inefáveis (Forinash, 1993, p. 69).

continuidade da pesquisa no campo como fundamental para que consistência e confiabilidade fossem agregadas à pesquisa musicoterapêutica.

Esta aproximação de ideias dos/as autores/as que se preocuparam com a metodologia da pesquisa em musicoterapia (Ruud, 1998; Forinash, 1993; Amir, 1993; Coyle, 2011; Moore, 2015) destacou detalhes da abordagem, dos métodos e das técnicas de fazer pesquisa que têm perpassado o campo há décadas. No Brasil, esse tema foi discutido em fóruns e encontros de pesquisa, porém, não foram encontrados estudos brasileiros recentes dedicados à articulação entre a metodologia da pesquisa qualitativa e a pesquisa musicoterapêutica.

Com esta reflexão entende-se que há caminhos a serem descobertos, delineados, reforçados, no que se refere às estratégias e procedimentos da pesquisa qualitativa, ainda mais quando voltada para a especificidade da prática musicoterapêutica. Este trabalho se apresenta como um diálogo que pretende estimular esta busca. Com o objetivo de descrever os princípios fundamentais da pesquisa qualitativa e suas relações com a pesquisa em musicoterapia, o texto foi subdividido em quatro partes. A primeira trata da evolução histórica do conhecimento científico até o advento da pesquisa qualitativa. A segunda parte relaciona aspectos e fazeres que distinguem a abordagem qualitativa. A terceira parte foi composta por uma revisão de literatura que sistematizou as pesquisas musicoterapêuticas publicadas nos periódicos *InCantare* e *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Para finalizar, uma discussão e conclusão articulam as partes em um todo.

### **Síntese histórica do desenvolvimento do conhecimento ocidental**

Foi com o advento da pesquisa social no final do século XIX (B. Santos, 1989) que modelos diferenciados de obtenção e análise de dados se tornaram necessários. Para situar essa ocorrência histórica, tecemos a passos largos, uma retrospectiva que mostra a evolução do conhecimento científico ocidental até chegar nos fazeres atuais da pesquisa qualitativa. Partimos da antiguidade grega, quando Atenas era um porto ativo onde mercadores intercambiavam bens e saberes vindos do oriente. As novidades que aportavam também abalavam as explicações sobre a realidade até então baseadas em

crenças, forças naturais e mitologias (Durant, 1996). Coube aos filósofos, entre os quais Sócrates, Platão e Aristóteles, absorverem essas inquietações e, por comparações e semelhanças, construir definições, classificações, categorizações do mundo que os rodeava. Esse movimento predominou até que a tentativa frustrada de Alexandre, discípulo de Aristóteles, de expandir a cultura grega pelo oriente deu espaço para a invasão dos romanos.

Durant (1996) nos conta que uma das consequências dessa invasão foi o apoio de imperadores à Igreja nos primeiros séculos da nossa era. “Durante mais de mil anos, ela uniu, com a magia de uma crença invariável, a maior parte dos povos de um continente” (p. 116). Para manter sua hegemonia, a Igreja exerceu rígido controle sobre a produção do conhecimento. Dos primeiros séculos do Cristianismo atravessando a Idade Média<sup>4</sup> duas filosofias explicaram os princípios da fé cristã e fortaleceram o papel de articulação social da Igreja (Peinado, 2009). Primeiro a Patrística, de Santo Agostinho (354 a 430), que subordinava a razão à crença e explicava os mistérios da fé cristã com base em Platão, reforçando a ideia da dualidade céu-terra. A segunda, a Escolástica de São Tomás de Aquino (1225 a 1274), se voltou para a obra de Aristóteles para arquitetar uma reinvenção da Igreja que na época, estremecia sob desenvolvimento econômico e agrícola (Durant, 1996).

Nos fins do século XV, a produção agrícola excedente, as navegações e o comércio impulsionaram novamente a Europa a novos saberes. Durant (1996) explicou que o papel chegava barato, a imprensa se espalhava. Diferentes crenças invadiam as mentes; as cruzadas atravessavam o continente intercambiando novidades. As universidades e mosteiros despontavam como lócus de investigações. Demandas da sociedade levaram o desenvolvimento da alquimia para a química, da astrologia para a astronomia. Foi “o despertar” de um pensamento científico (Durant, 1996, p.117), que desde Bacon, depois Copérnico e Galileu, buscou explicar a realidade por meio dos fenômenos observáveis e não mais pela fé sobre a razão.

Francis Bacon, nascido em 1561, preconizou a chamada primeira Revolução Científica, com ideias inovadoras como a suspensão do julgamento pessoal, a primazia da experimentação, da ordenação da experiência, do controle, da observação para depois

---

<sup>4</sup>A Idade Média, período histórico localizado entre 476 e 1453 (Safarcada, 1999), foi marcado pela hegemonia da Igreja sobre o domínio e produção do conhecimento e pelo sistema produtivo feudal.

chegar à interpretação da natureza (Durant, 1996). Esse método de investigação separava o conhecimento científico de crenças, religião, magias. Galileu (1564-1642) também revolveu as estruturas da ciência com a teoria do heliocentrismo e o chamado por uma ciência baseada em números e caracteres geométricos. Para ele, conhecer significava dividir, classificar, e depois determinar relações sistemáticas entre o que se separou (B. Santos, s/data).

Outros pensadores que deram força para a revolução científica foram Leonardo da Vinci, Vesálio e Harvey. Nascidos entre 1450 e 1578, na Renascença, tempo em que o reflorescer cultural e científico voltado para as necessidades humanas foi mais forte do que o teocentrismo, eles colaboraram com o conhecimento da anatomia do corpo humano (Saforcada, 1999). A ciência, entre mudanças de forma de fazer e perceber o conhecimento, tentava se separar da religião para formar saberes mais estruturados, práticos e confirmados pela razão.

Nesta direção, abriu-se espaço para o Iluminismo ou Era da Razão, situado entre os séculos XVII e XVIII, cujo precursor foi René Descartes (1596-1650). Sua obra *O Discurso do Método* sugeriu o racionalismo. Esse tempo histórico foi marcado pela oposição ao poder absoluto dos reis e da igreja católica. Por outro lado, havia a valorização do uso da razão, do questionamento, da experimentação para construir a ciência da natureza e da sociedade. A ciência se voltava para analisar questões sociais. O. Silva (2018) ressaltou que as ideias lançadas nesse tempo diziam da igualdade entre as pessoas e pregavam o acesso universal a uma educação distanciada do domínio dos jesuítas. Fruto do Iluminismo foi lançada a Enciclopédia. Eram 35 volumes que sintetizavam o conhecimento vigente na época. O movimento foi liderado por Denis Diderot, na tentativa de mudar visões de mundo e estimular o desenvolvimento técnico com base na razão (Durant, 1996). Entre outros pensadores desse movimento, John Locke, contra a monarquia, acreditava que as pessoas é que formam a sociedade, que o governo deve garantir direitos naturais à população. Também Jean- Jacques Rousseau se destacou por lançar as sementes “contra aquela entronização da razão” (Durant, 1996, p. 227) ao tratar da desigualdade social e da propriedade privada.

Influenciada pelo Iluminismo, na primeira metade do século XIX, a escola filosófica de Auguste Comte considerou que tanto os fenômenos sociais como os físicos

podiam ser reduzidos às leis das ciências naturais para o desenvolvimento moral e político da humanidade. O verdadeiro espírito positivo se resumiria em prever, isto é, estudar o que é e concluir o que será, segundo o pensamento da invariabilidade das leis (Comte, 1914/2016). Para Comte o progresso social viria da disciplina e da ordem. As leis matemáticas seriam utilizadas para deduzir leis possíveis de reorganizar e conduzir destinos da sociedade que vivia intensas crises de desigualdade, fome e exploração do trabalhador.

Esta ebulição social, que já se anunciava desde a segunda metade do século XVIII para início do XIX, foi reforçada pelo advento das máquinas, na chamada Revolução Industrial. Durant (1996) sugeriu que a indústria transformou a economia mundial e consolidou o capitalismo com a produção de mercadorias, a exploração dos recursos da natureza e a modificação nas relações de produção e trabalho. Foram transformações que provocaram a movimentação de produtos e pessoas em locomotivas e estradas de ferro, acarretando em uma nova visão de mundo que se manifestou no século XIX.

A respeito da emergência dessa nova visão de mundo, Araújo (2008), ao estudar as observações de Foucault sobre essa temática, as resumiu como o nascimento de uma nova racionalidade, de um novo domínio da experiência. O solo foi preparado por mudanças na ordem do saber: no século XVI, considerava-se a semelhança: Deus liga todas as cadeias dos seres por semelhanças e analogias. O século XVII foi o tempo das representações: é preciso representar, ordenar os seres em ciência geral da ordem e medida, comparar, numerar, identificar diferenças e categorizar. No século XVIII, o conhecimento chegou na era da história: filologia, biologia e economia política. Finalmente, no século XIX os pensamentos se voltaram para seres vivos e suas funções: crescer, produzir e reproduzir.

O estudo das funções dos seres vivos destaca-se, então, no final do século XIX e início do XX. A novidade estava nas ciências humanas que foram articuladas em movimento interno ao pensamento ocidental: biologia, psicologia, economia, política, sociologia, filologia, crítica literária. Essas ciências deveriam mostrar não o que o ser humano é, mas o que o constitui (Araújo, 2008). Segundo essa autora, a vida, o trabalho e a fala passaram a ser objetos de investigação; as ciências da vida, do trabalho e da



linguagem, tornaram possível pensar o ser humano como produtor de objetos, falas e vidas. Pode-se, então, conhecer condições de ser e saber do ser humano.

A admissão da multiplicidade de saberes e fazeres deu lugar à desestabilização do conceito de verdade absoluta. O cientista passou a entender “que sua visão linear e mecanicista de mundo não era nem suficiente nem adequada para tratar dos problemas levantados pelo próprio meio científico” (Francelin, 2004). Os novos contextos sociais e a diversificação de modos de vida que se mostraram no advento do século XX, requisitaram dos pesquisadores novas formas de perceber e entender os fenômenos (Flick, 2009). A abordagem qualitativa, com sensibilidade para descrever com profundidade fatos concretos, analisar significados subjetivos de acontecimentos da vida cotidiana, ainda que influenciada pelo método das ciências naturais, inaugura uma trajetória que iremos discutir a seguir.

### **Perspectiva histórica da pesquisa qualitativa**

Na linha histórica percorrida acima, vimos que o processo de construção do conhecimento científico tem atravessado séculos. Foram milênios para nomear e categorizar o mundo circundante, distanciando-se de explicações mitológicas e religiosas, até o imperativo da observação, experimentação, quantificação e da suposta imparcialidade do pesquisador nas ciências naturais. Em contrapartida, com pouco mais do que um século, a sistematização das ciências sociais descortinou novas possibilidades, quando não necessidades, de “métodos abertos à complexidade para resolver temas incomuns com a pesquisa qualitativa” (Flick, 2009). Instaurou-se, então, uma visão que posicionou o objeto de estudo na vida cotidiana. Admitiu-se um modo de estudo que se envolve com os eventos relacionais, vivenciais, sem priorizar experimentos em ambiente artificial. Com essas características, a pesquisa qualitativa acolheu, como relatou Flick (2009), os fenômenos particulares não generalizáveis e legitimou a construção de teorias com fundamento na experiência empírica.

Para entender como esse modo de investigar se estabeleceu, vamos percorrer o processo de constituição da pesquisa qualitativa segundo a visão de Flick (2009), André e Gatti (2010) e Zanette (2017) entre outros autores/as. O século XIX tem sido indicado

como o início da aplicação de métodos qualitativos (André & Gatti, 2010; Flick, 2009; Teixeira, 2015). O fato se deu quando sociólogos/as e antropólogos/as, nos Estados Unidos, ao estudar eventos da vida cotidiana, se dedicaram a experimentar outras formas de investigação, que não os procedimentos quantitativos, para elaborar compreensões sobre fenômenos sociais.

No entanto, a pesquisa qualitativa só foi reconhecida nos finais dos anos 1960 (Teixeira, 2015) e seus métodos e procedimentos ficaram mais visíveis a partir dos anos 1990 (Creswell, 2014). Flick (2009) destacou duas correntes no processo de desenvolvimento da pesquisa qualitativa: a alemã e a americana. Para esse autor, na década de 1920, as ciências sociais e a psicologia alemã aplicaram métodos qualitativos como a descrição e os estudos de caso, embora também utilizassem os modelos de quantificação como experimentos e levantamento de dados. Na literatura norte americana, estudos de caso, descrições e métodos biográficos se estenderam até a década de 1940. Nos meados dos anos de 1960, as práticas quantificantes receberam críticas na literatura da pesquisa social americana, e em 1970, na alemã. Esse movimento culminou no retorno da pesquisa qualitativa, embora com defasagem entre a produção de ambas as nacionalidades.

Na década de 1960, a pesquisa qualitativa também se inseriu na área da educação devido ao afastamento desse campo das práticas da psicologia experimental para se aproximar da sociologia (André & Gatti, 2010). Nos últimos anos da década de 1970, a literatura alemã discutiu formas de aplicar e analisar entrevistas; já no decorrer dos 1980 fortalecia estratégias de ação como a entrevista narrativa e a publicação dos primeiros manuais de pesquisa qualitativa na língua alemã.

Na vertente americana, no início do século XX até o advento da Segunda Guerra Mundial, o interesse da etnografia se voltou para culturas estrangeiras enquanto na sociologia se estudava o diferente, o *outsider* (Flick, 2009). Seguindo esse período, até os inícios dos 1970, a publicação de livros acadêmicos ajudou na formalização da pesquisa qualitativa. No campo da pedagogia médica, na década de 1960, os estudos no enquadre etnográfico marcaram o advento dos trabalhos qualitativos nessa área (Pelaccia & Paillé, 2011). A década de 1980 viu o crescimento de discussões a respeito da avaliação das pesquisas e suas descobertas. A década seguinte foi marcada pelas narrativas voltadas a assuntos locais e a vinculação da pesquisa qualitativa às políticas

democráticas (Flick, 2009). Para resumir podemos dizer, junto com Flick, que a vertente alemã se dedicou à consolidação metodológica enquanto a americana, ao se preocupar com a proximidade do pesquisador, buscou a validação da pesquisa qualitativa.

No que se refere à pesquisa qualitativa no Brasil, foram encontradas informações sobre os passos dessa investigação na área da educação. Optamos por anunciar essa trajetória aqui, devido ao seu envolvimento com as ciências humanas, mas admitimos que outros campos de saber possam ter trajetórias diferenciadas (Zanette, 2017; Mòl, 2017). Conforme Zanette (2017), entre as décadas de 1930 e 1950 a expansão da pesquisa educacional no país, inclusive as que envolviam métodos experimentais, ocorreu por conta da criação de órgãos de incentivo à formação de professores/as e à publicação de estudos específicos da área em periódicos especializados. Na década de 1960 ocorreu o incremento de cursos de pós-graduação, de grupos de pesquisa nos ambientes universitários, somados ao retorno de professores do exterior com novas ideias e referenciais teóricos para a produção de trabalhos científicos. Os anos 1970 registraram a consolidação da pesquisa qualitativa no Brasil (Zanette, 2017; André & Gatti, 2010). Foi um tempo de debates sobre quantificação, objetividade e distanciamento do pesquisador que revelavam limitações desses princípios para os estudos da área educacional. Da mesma forma, reflexões sobre as estratégias de complementação de dados em trabalhos quali-quantitativos estavam em voga.

Nos anos 1980, a implementação de 27 cursos de pós-graduação em Educação resultaram na publicação de diversas teses e dissertações. Esses trabalhos mostram tentativas de aproximar “o sujeito e o objeto a ser investigado no seu contexto histórico-cultural” (Zanette, 2017, p. 153). Foram utilizadas metodologias que se aproximavam da realidade a ser pesquisada e que permitiam ao pesquisador/a “colocar-se no papel do outro” (p. 153) para compreender o fenômeno pela visão das pessoas que vivenciavam as experiências no contexto de suas existências. A pesquisa qualitativa abriu horizontes para que os/as pesquisadores/as em educação encontrassem “adequação para estudos de processos micro-sócio-psicológicos e culturais, permitindo iluminar aspectos e processos que permaneciam ocultados pelos estudos quantitativos” (André & Gatti, 2010, p.34).

A trajetória da constituição teórica e metodológica da abordagem qualitativa tem mostrado a complexidade desse campo. Tanto assim é que Lincoln e Guba (2000) preferiram oferecer pontos que caracterizam a abordagem qualitativa ao invés de defini-la. Eles ressaltaram que em cada etapa desse histórico, as quais entenderam pelas décadas destacadas acima, a pesquisa qualitativa recebeu um significado. Entre eles estão o fato de ser uma atividade que situa o/a observador/a no mundo, mundo que se torna visível e que se transforma em razão das práticas concretas e interpretativas feitas pelo/a investigador/a. Essas práticas envolvem uma série de representações como notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações que permitem a construção de uma abordagem naturalística e interpretativa do mundo. Por meio desse conjunto de fazeres “a pesquisa qualitativa estuda fatos e pessoas nos seus contextos naturais na tentativa de entender os fenômenos pelos significados que as pessoas a eles atribuem” (Lincoln & Guba, 2000, p.3, tradução nossa).

### **Pensares e fazeres da pesquisa qualitativa**

Os elementos que caracterizam a pesquisa qualitativa demandam por modos de pensar e agir específicos a esse contexto. Esses processos de pensamento e ação englobam as posturas do/a pesquisador/a tanto perante participantes como frente ao corpo de dados. Em estudos sobre as dinâmicas de pensamento qualitativo, Muchielli (2007) concluiu que essa forma de pensar se assenta sobre os mesmos processos mentais que as pessoas utilizam para ordenar o mundo a sua volta. O autor citou a comparação, a generalização, a correlação e a construção de uma forma e sentido relativo ao objeto como processos mentais que, por serem “naturais (feitos espontaneamente pela mente humana), e universais (efetivados por todas as pessoas)” (Muchielli, 2007, p. 21, tradução nossa), agregam validade e mostram a pertinência da pesquisa qualitativa.

No seu trabalho, Muchielli (2007) se afastou da comparação entre aspectos qualitativos e quantitativos habitualmente encontrados na literatura para chegar “à natureza imediata e profunda de um método qualitativo” (p. 22, tradução nossa). Na sua visão, os procedimentos qualitativos permitem compreender o interior e o funcionamento de um fenômeno social, “é a inteligência humana em ação” (p.22),

aplicada por um grupo identificado como pesquisadores/as qualitativos que trabalham com os fatos que lhes são relevantes. De maneira mais direta, o autor definiu ao fazeres qualitativo como

Une méthode qualitative est une succession codifiée de processus de travail intellectuel proprement humain (comparaison, induction, généralisation, recherche de forme, invention de sens). Ce travail se fait dans le but d'explicitier, en compréhension, à l'aide de concepts induits de l'observation, la structure intime et le fonctionnement interne d'un phénomène social (Muchielli, 2007, p.23).<sup>5</sup>

Outros/as autores/as acrescentam que o pensamento metodológico qualitativo parte do pressuposto de que a ação humana é subjetiva (Krief & Zardet, 2013; Santos B., 1989) e que o conhecimento gerado será baseado na intersubjetividade, na descrição e na compreensão, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e indicativo de normas universais. Surgem aqui, como se pode inferir, implicações éticas e políticas que devem ser consideradas (Silva A.; Castro-Silva & Moura, 2018).

A postura ética e política da investigação qualitativa levam em conta as qualidades intrínsecas do objeto de pesquisa, a valorização das irregularidades, a assunção da imprevisibilidade, à dinamicidade dos fatos, a diferença e a diversidade próprias do existir humano (Santos B., 1989; Flick, 2009; Creswell, 2014). Devido à proximidade entre pesquisador/a e pesquisados/as, sensibilidades éticas merecem cuidado para evitar a desvalorização das interações (Santos B., 1989; Martins, 2004) uma vez que a inserção do/a pesquisador/a no campo de investigação é assumida como uma ação que acarreta na modificação do ambiente, das pessoas e do próprio/a pesquisador/a. Essa postura diz que o campo, os/as participantes e o/a investigador/a assumem papéis fundamentais na construção do conhecimento, abandonando a ideia da neutralidade. O fenômeno passa a estudado em modelo horizontal (pesquisador/a e participantes constroem o conhecimento), enquanto que as interações se tornam o lócus onde saberes são criados e compartilhados (Santos B., 1989).

Outro elemento indicado para sustentar a proposta da pesquisa qualitativa, é a filosofia, ou visão de mundo que alicerça e influencia o trabalho. Creswell (2014)

<sup>5</sup>Um método qualitativo é uma sucessão codificada de processos de trabalho intelectual humano (comparação, indução, generalização, pesquisa de forma e construção de sentido). Esse trabalho é feito com o objetivo de explicar, compreender, com a ajuda de conceitos indutivos de observação, a estrutura íntima e de funcionamento interno de um fenômeno social (Muchielli, 2007, p.23, tradução nossa)

entende que as visões de mundo são referências à orientação filosófica geral sobre o mundo e a natureza da pesquisa que o pesquisador aproxima ao trabalho. Por isso, os textos que relatam as pesquisas deveriam anunciar a filosofia que orienta a investigação a fim de que esta seja compreendida na perspectiva que a fundamenta. Esse autor destacou quatro visões filosóficas, pospositivismo, transformativa, construtivista e pragmatismo, como as mais discutidas na literatura. No quadro abaixo encontram-se resumidas as ideias centrais de cada uma das visões citadas.

**Pospositivismo:** vem do século XIX desafiando o positivismo e a ideia de uma verdade absoluta nos estudos de comportamentos humanos. Observação empírica e mensurável com verificação de teoria pré-determinada. Mais utilizado em estudos quantitativos uma vez que preconiza a orientação do trabalho por hipóteses, variáveis, objetividade e padrões estabelecidos de validação e confiabilidade.

**Construtivista:** visão próxima à pesquisa qualitativa. As pessoas querem compreender o mundo onde vivem e trabalham, a ele atribuem sentidos subjetivos, múltiplos, que conduzem à complexidade do fenômeno. Os pontos de vista dos/as participantes e seus processos de interação são a base do conhecimento. O/a pesquisador/a se insere nesses mundos e busca a interpretação e entendimento dos sentidos a eles atribuídos. Contextos específicos são centrais para a construção de compreensões, construções históricas e sociais, e na geração de teorias.

**Transformativa:** essa visão emergiu entre 1980 e 1990 pela necessidade de uma visão que se ajustasse aos trabalhos envolvidos na justiça social, opressão e discriminação. Autores/as que defendem essa visão se apoiam nas obras de Marx, Habermas, Freire. Os/as pesquisadores/as se engajam na mudança de aspectos da vida dos/as participantes, em uma postura política e participativa. Centrada nas necessidades de grupos marginalizados, as perspectivas teóricas dessa visão são integradas aos pensamentos e necessidades dos grupos estudados.

**Pragmatismo:** como visão de mundo, emerge das ações, situações e consequências, mais do que em fatos antecedentes. Pesquisadores/as se apoiam no problema da pesquisa, não em métodos, e utilizam todas as abordagens disponíveis para construção do conhecimento. Próximo à pesquisa mista (qualitativa/quantitativa), os/as pesquisadores/as são livres para escolher métodos, técnicas e procedimentos e admitem que o mundo real se situa em contextos diversos (social, histórico, político) e que a verdade emerge para o momento em que o conhecimento foi construído.

Quadro 1: Ideias centrais das visões filosóficas

Fonte: Adaptação das autoras com base em Creswell (2014, p.34-40)

O Quadro 1 mostra as quatro visões filosóficas sugeridas por Creswell (2014), de forma estanque e sem articulações. No entanto, há autores/as que defendem perspectivas afastadas da dicotomia qualitativo-quantitativo, como é o caso de Duchastel e Laberge (2019). Em texto dedicado à pesquisa em ciências sociais, esses autores fizeram uma análise reflexiva das visões filosóficas, ou epistemológicas, que fundamentam investigações. Suas considerações mostraram que há espaço entre o positivismo e o construtivismo para a o posicionamento intermediário do/a pesquisador/a. Essa postura, denominada por eles de “concordatária” (p. 21), segue o

princípio de que todo o processo de conhecimento científico parte da redução do objeto para a aplicação de um conjunto de operações que restabelecem a complexidade do objeto. Os autores argumentaram que um pensamento abduutivo, que diminua as oposições entre o indutivo ou dedutivo (que marcam respectivamente a pesquisa qualitativa e quantitativa) possibilitaria a complementaridade entre a interpretação e a quantificação dos dados, defendendo assim a pesquisa mista.

No que pese a possibilidade de diálogo entre as abordagens de pesquisa, quando se trata da qualitativa, métodos específicos de construção de dados têm sido criados. Entre eles, os mais utilizados estão agrupados no Quadro 2. Cada um desses modos de interação pedem uma postura distinta do pesquisador e do participante, como também uma modalidade específica de análise de dados (Brasil et al., 2018).

Pesquisa-ação	Enfatiza uma postura ativa do/a pesquisador/a e também a colaboração ativa dos/as participantes.
Estudo de caso	Estuda o fenômeno em seu contexto real.
Etnografia	Envolve estudo de campo extenso para revelar normas, rotinas, rituais em profundidade.
Etnometodologia	Procura compreender como as pessoas aprendem e conhecem rituais, maneirismos de sua cultura na vida cotidiana.
Pesquisa feminista	Adota a perspectiva de que ações metodológicas resultam em relações de poder nem sempre reveladas e que podem afetar os resultados da pesquisa.
Teoria fundamentada	Parte do princípio de que os estudos do comportamento social podem ser melhor analisados com conceitos e categorias fundamentados de “baixo para cima” (da base empírica para a criação de teorias).
História de vida	Coleta e narra a história de vida de uma pessoa com seus pontos de virada e temas importantes.
Investigação narrativa	Constrói uma representação narrativa dos resultados obtidos em um ambiente natural para acentuar a sensação de “estar lá”.
Estudo fenomenológico	Estuda eventos da vida humana por meio da descrição e atribuição de sentido de cada participante. Evita teorias e conceituações prévias que podem distorcer a base experiencial para o conhecimento do fenômeno.

Quadro 2: Métodos qualitativos

Fonte: Adaptação das autoras com base em Brasil et al. (2018)

Ao estudar as formas de abordagem dos/as participantes das pesquisas descritas no Quadro 2, torna-se evidente o compartilhamento entre participantes e pesquisadores/as na construção do conhecimento, conforme citado por Coyle (2011). As narrativas dos/as participantes são material básico da construção de dados, sejam elas feitas por meio da palavra, dos gestos ou de outra forma de expressão (Ruud, 1998). Com a valorização da interpretação que as pessoas fazem dos fatos da vida, a pesquisa qualitativa reinsere na ciência o senso comum ou conhecimento comum. B. Santos (1989) indicou esses saberes como possibilidades de construção de “sentidos de resistência” e luta (p.37). São narrativas, diz o autor, constitutivas de nosso ser e de nossa história, logo, do nosso modo de estar no mundo. Essas interações dialógicas, pesquisa qualitativa e quantitativa, narrativas de saberes da vida comum e ciência, são novas relações que B. Santos (1989) considerou como tendências de uma ciência pós-moderna. Para ele, ambos os lados desses pares apresentam potencialidades para a construção de algo novo.

### **Passos metodológicos**

Este trabalho teve por objetivo descrever os princípios fundamentais da pesquisa qualitativa e suas relações com a pesquisa em musicoterapia. Para alcançar esse intento, nos envolvemos na dinâmica de revisitar fatos vividos no passado para entender o presente e assim situamos essa produção no contexto da pesquisa histórica de cunho qualitativo. A pesquisa histórica acata as experiências preexistentes no tempo admitindo o diálogo entre as intenções subjetivas do/a pesquisador/a com as condições objetivas dos eventos (Padilha & Borenstein, 2005). A perspectiva dialética foi também considerada apropriada para as reflexões aqui apresentadas por entendermos que os propósitos dos sujeitos históricos sociais se articulam com as circunstâncias objetivas de sua vida (Turin, 2014).

Esta perspectiva metodológica fundamentou as retrospectivas apresentadas neste artigo. Entre elas, a primeira constou de uma linha do tempo sobre a construção do pensamento científico no mundo ocidental percorrendo acontecimentos desde a Grécia Antiga até o advento da pesquisa qualitativa nos primórdios do século XX. A segunda tratou de um painel sobre fundamentos da pesquisa qualitativa. A terceira, que está



disposta na sequência deste texto, mostra uma visão do caminho trilhado pela pesquisa qualitativa no campo da musicoterapia.

A linha do tempo do pensamento científico e a retrospectiva conceitual da pesquisa qualitativa resultaram de uma revisão histórica narrativa feita em livros de acervo pessoal da autora e em artigos publicados na internet. A revisão narrativa segue um roteiro aberto para descrever o estado da arte de um assunto específico. A busca das fontes não é predeterminada, não são fornecidas metodologias para a busca das referências e se trata de uma análise crítica pessoal do/a pesquisador/a (Cordeiro; Oliveira; Renterí & Guimarães, 2007; Botelho; Cunha & Macedo, 2011). Dessa forma, as fontes foram consultadas seguindo as necessidades que se descortinaram no decorrer da pesquisa.

Já a visão das relações dos princípios fundamentais da pesquisa qualitativa com a pesquisa em musicoterapia, aqui proposta, foi criada a partir da análise crítica de textos publicados na Revista Brasileira de Musicoterapia (Brazilian Journal of Music Therapy - BRJMT, a partir de 2021) e na revista InCantare. A opção por essas duas revistas se deu por serem esses os periódicos específicos da área publicados no país. A análise crítica dos artigos seguiu critérios que foram estabelecidos conforme a realidade percebida no campo de pesquisa e seguiu os seguintes passos:

- a) revisão dos artigos de todos os volumes disponibilizados nos sites da BRJMT e da InCantare,
- b) leitura de todos os resumos para identificação da abordagem da pesquisa e estratégias metodológicas,
- c) caso a identificação da abordagem da pesquisa não constasse no resumo, mas houvesse indicação de que o artigo se tratava de pesquisa, realização de busca, no corpo do texto, de descrições de estratégias metodológicas, discussão e apresentação de dados,
- d) leitura dos artigos selecionados na íntegra,
- e) destaque de dados: abordagem da pesquisa, indicação de fundamento filosófico, estratégias de construção e análise de dados.

Os artigos que foram lidos na íntegra passaram pelo seguinte processo de seleção:

- 1) Critérios de inclusão:

- a) texto publicado nos volumes dos periódicos BRJMT e InCantare disponibilizados nos sites das revistas:
  - b) tratar-se de pesquisa qualitativa
  - c) ser escrito por autor/a brasileiro/a
- 2) Critérios de exclusão:
- a) textos de revisão de literatura conceitual,
  - b) textos com relato de experiências, entrevistas, reflexões conceituais,
  - c) textos de autores estrangeiros com relatos de estudos feitos no país de origem,
  - d) anais de eventos.

Todos os volumes disponíveis nos sites das revistas foram consultados. No total, 254 artigos foram revisados. Eliminadas as entrevistas, relatos de experiências, textos conceituais, pesquisa em países que não o Brasil e anais de eventos, restaram 90 artigos considerados pesquisas. Destes, 49 descreviam pesquisas qualitativas, 11 eram de pesquisa quantitativa e 30 se tratavam de revisões sistemáticas de literatura. Os trabalhos incluídos foram entendidos como investigações realizadas em cursos de pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado), trabalhos de conclusão de cursos de graduação (TCCs) e investigações livres, todos publicados nos volumes disponíveis nos sites dos periódicos BRJMT e InCantare cujo recorte de tempo constou desde 1998 até 2019.

Embora as estratégias usadas para a construção das relações entre os fundamentos da pesquisa qualitativa e a pesquisa em musicoterapia se aproximem de uma revisão sistemática, não houve a intenção de apresentar aqui tabelas com organização de dados, a não ser a que mostra os totais de artigos encontrados. Esse texto tem um foro mais descritivo e reflexivo, por isso a sistematização serviu mais para embasar as reflexões aqui apresentadas do que para quantificar itens. Destacamos que essas reflexões foram fundadas em dados concretos e revelaram fatos reais ao campo da pesquisa musicoterapêutica, porém, se trata de uma visão que sugere posicionamentos e que se apresenta matizada por impressões pessoais da autora.

## Relações dos Princípios Fundamentais da Pesquisa Qualitativa com a Pesquisa em Musicoterapia - Apresentação e discussão dos dados

A leitura dos 49 artigos que foram selecionados dentro dos critérios acima estabelecidos proporcionou uma visão da evolução histórica da pesquisa qualitativa na área da musicoterapia. Nesse processo, na medida em que nos apropriamos dos dados, fases distintas do processo de construção da pesquisa musicoterapêutica foram se mostrando e nos remeteram à forma como Flick (2009) organizou sua retrospectiva. Inspirados nesse autor, nós criamos uma perspectiva de apresentação e entendimento da pesquisa qualitativa em musicoterapia. Disponibilizada a seguir, a organização foi criada com as informações e com a ausência de informações percebidas nos textos consultados. Em um caso ou outro, a sensação que se presentificou no decorrer da leitura dos artigos foi a de que os musicoterapeutas, ao longo dos anos, responderam aos chamamentos para a construção do conhecimento musicoterapêutico no Brasil.

	1996-2001	2002-2008	2009-2014	2015- 2019	TOTAL
Artigos de pesquisa qualitativa	3	3	20	21	47
Artigos de pesquisa quantitativa	1	1	2	8	12
Revisões sistematizadas	0	0	8	22	30
Total de pesquisas publicadas	4	4	30	51	89

Quadro 1: Total de pesquisas publicadas nas revistas Brasileira de Musicoterapia e InCantare de 1996 a 2019

O quadro acima mostra o total de pesquisas publicadas nos dois periódicos aqui estudados, conforme o recorte de tempo e a disponibilidade de volumes nos sites de cada revista. Foram escrutinados 21 anos de veiculação. No decorrer desse tempo, a pesquisa qualitativa foi prevalente e mostrou um movimento crescente na sua realização. Nos primeiros cinco anos, foram três artigos sobre investigação qualitativa publicados. Já nos últimos quatro anos, 21 artigos com descrição de pesquisas

qualitativas estão no repertório das revistas. No total das 89 pesquisas publicadas, 47 são qualitativas. Se subtrairmos as revisões sistematizadas dessa soma, encontramos a soma de 59 pesquisas, destas 47 na abordagem qualitativa.

## **Etapas da construção do conhecimento científico qualitativo no campo da musicoterapia**

### **a) 1996 a 2001 A escuta do campo ao chamamento para a realização de pesquisas**

Esse período se inicia com o primeiro chamado registrado nas revistas, para a realização de pesquisas. M. A. Santos (1996) destacou a pesquisa como um dos fatores que poderiam favorecer a consolidação da profissão de musicoterapeuta. No seu alerta, ressaltou que a pesquisa “não pode ser realizada adequadamente de forma amadorística, improvisada, nem deve ser considerada como uma iniciativa puramente individual” (p. 45). O autor sugeriu a possibilidade de qualificação profissional de musicoterapeutas em áreas próximas como música, psicologia, educação, uma vez que mestrados e doutorados específicos de musicoterapia não eram (e ainda não são) disponíveis no nosso país.

O campo respondeu ao chamado para se aventurar no âmbito das pesquisas com publicações nos anos subsequentes. Na BRJMT de 1997, há um artigo baseado em projeto de pesquisa de equipe interdisciplinar escrito por Ana Sheila Uricoechea. A proposta, fundamentada em autores da corrente psicanalítica e em conceitos de Benenzon (1985), foi identificada como “pesquisa-clínica-musicoterápica com trabalho de campo e em ambiente real” (p. 37). As descrições das ações realizadas e os comentários sobre os resultados obtidos nos levaram a entender esse trabalho no contexto qualitativo, embora não haja indicações no texto a esse respeito.

Em 1998, a BRJMT publicou, no número 4, ano III, três pesquisas de pós-graduação, entre elas a de Márcia Maria Cirigliano e de Cleo Monteiro Correia, ambas de mestrado, e a de Leomara Craveiro de Sá, de curso de especialização. Em Cirigliano (1998), a autora cita ter organizado seus procedimentos de pesquisa no âmbito qualitativo. Correia (1998) apresentou resultados de uma bateria de testes de habilidades musicais, criados para a sua pesquisa, que envolveu um grupo de participantes com

epilepsia e um grupo controle. No relato da pesquisa, embora haja comparações descritivas entre o desempenho dos dois grupos, nenhuma caracterização específica do caráter da pesquisa foi encontrada. Craveiro de Sá (1998) identificou a pesquisa que desenvolveu no curso de especialização em musicoterapia da Universidade Federal de Goiás como qualitativa e fundamentada na abordagem humanística existencial.

Dentre quatro pesquisas que foram publicadas nesse período, três apresentaram características qualitativas de construção e análise de dados. No volume de 2001, encontra-se um artigo de Gallicio (2001), que descreveu interações musicoterapêuticas realizadas com dez crianças em tratamento oncológico. Constam no manuscrito os objetivos e o tópico Material e Métodos. Embora as características de investigação, a autora fez alusão a relato de prática clínica, razão pela qual não computamos o texto no rol de pesquisas. Porém, também esse texto marcou indícios da tendência investigativa que começava a se avolumar.

Nos cinco volumes da BRJMT até aqui revisados, notou-se que o campo se aventurava na realização de pesquisas como resposta ao chamado de M. A. Santos. Os textos que apresentaram pesquisas são organizados de forma livre, notadamente sem resumos ou outros itens que compõem um artigo científico de pesquisa. Há poucos detalhes das estratégias metodológicas no que se refere à descrição do campo, dos participantes, construção e análise de dados. Nesse primeiro período de desenvolvimento de pesquisas houve o predomínio de propostas qualitativas que, devido ao pouco detalhamento, deixaram espaço para a inferência do uso majoritário de estratégias metodológicas de observação e a categorização de textos de relatórios de sessões.

#### **b) 2002 a 2008. Os Comitês de Ética. Ética na Pesquisa**

Neste segundo período, houve outro chamamento, desta vez referindo-se à ética na pesquisa com seres humanos. M. A. Santos (2004a) colocou em pauta as indicações de normas e protocolos específicos para a submissão dos projetos aos Comitês de Ética (CEPs) e destacou “a preparação de musicoterapeutas para enfrentarem esses processos novos de pesquisa” (M. A. Santos, 2004a). Em paralelo, em artigo publicado em 2002,

Zanini identificou sua pesquisa como “um estudo teórico-prático” (p. 97), cujos tópicos incluíram metodologia e análise de dados. Em Barcellos<sup>6</sup> (2004), pôde-se identificar a citação da abordagem qualitativa e itens como: objetivo, metodologia e análise de dados. Barcellos fundamentou seu trabalho na visão filosófica qualitativa fenomenológica e adotou uma organização descritiva de depoimentos e também tabelas para resultados numéricos.

No decorrer desse período permanece o predomínio da abordagem qualitativa, com a publicação de três trabalhos dessa natureza. A observação, a análise e categorização de relatórios de sessão se confirmaram como as estratégias metodológicas mais utilizadas. Os artigos começam a aparecer no formato padronizado de artigo científico com resumo, introdução, metodologia, apresentação dos dados e conclusão.

**c) 2009 a 2014. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Artigos gerados em pesquisas de Pós-Graduação**

A revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (NEPIM) foi lançada em 2010. Em 2012 esse periódico passou a se chamar InCantare, com vistas à internacionalização e mais fácil divulgação. A revista foi direcionada a apresentar artigos de musicoterapia e também produções de áreas afins como artes, educação e saúde. As pesquisas de musicoterapia publicadas nesse periódico, passam agora a somar com as da BRJMT para os fins da presente revisão.

Publicações de pesquisas feitas em curso de pós-graduação *stricto sensu* e de pesquisadores/as livres são publicadas com mais frequência em paralelo com trabalhos de conclusão de curso. Notou-se, nestes últimos, as ressonâncias da qualificação dos musicoterapeutas orientadores, no cuidado com a construção e descrição metodológica desses manuscritos. Destaca-se nesse período, ênfase no uso de vocabulário técnico que esclarece a opção de abordagem, formas de análise e, em alguns textos, as visões filosóficas declaradas. Mesmo assim, no conjunto das pesquisas publicadas houve um misto de trabalhos que descreveram os participantes, o campo de investigação e outros elementos metodológicos ao lado de trabalhos mais dedicados ao aprofundamento da fundamentação teórica que não especificam os caminhos da investigação. Uma

---

<sup>6</sup>No sumário da revista (RBMT, ano 7, n.9, 2004) o artigo consta como autoria de Barbara Wheeler, porém, no corpo do texto verifica-se que a autoria é de Barcellos.

tendência desse período foi o relato de casos sem indicações de metodologias ou métodos de investigação. Submissão a CEPs são frequentes, mostrando aderência do campo aos princípios da bioética.

Os dados da pesquisa de Zanini, Piazzetta, Trelha, Borges & Albuquerque (2010), que compilaram os temas das pesquisas feitas em pós-graduações, corroboraram com a percepção de aprimoramento dos pesquisadores e da presença de trabalhos realizados em mestrados e doutorados. Esses/as autores/as atualizaram os resultados de trabalho prévio sobre o mesmo tema que havia sido publicado em 2003. Até então, eram dezoito musicoterapeutas doutores, doze em processo de doutoramento, cinquenta mestres e vinte e seis em cursos de mestrado. Esses/as profissionais se qualificavam, de acordo com os/as autores/as, em programas de variadas áreas, entre elas: Música, Psicologia, Educação, Filosofia, Comunicação e Semiótica, Educação Física e Engenharia Elétrica.

No decorrer deste recorte de tempo, a ênfase das investigações permanece uma pesquisa qualitativa que figurou em 20 trabalhos. A observação e a entrevista foram as estratégias de ação mais citadas e as análises se debruçaram também sobre o conteúdo de relatórios de sessão, letras de canções, de gravações de imagens e áudios. A pesquisa de campo predominou e as revisões integrativas e sistemáticas começaram a se anunciar em ambos os periódicos. Percebeu-se que M.A. Santos (2004a) foi respondido em suas sugestões para o ingresso dos musicoterapeutas nos cursos de pós-graduação e o cuidado com a submissão de pesquisas aos comitês de ética.

#### **d) 2015 a 2019. Revisões sistematizadas em paralelo às pesquisas de campo de caráter qualitativo**

As revisões sistemáticas, históricas e narrativas predominam nas produções publicadas. No total foram 22 textos de revisões sistematizadas disponibilizados nesse período ao lado de 21 pesquisas qualitativas. Essas últimas se apresentaram como comentado, ora com mais detalhamento metodológico, ora com pouca descrição das estratégias de ação.

## Diálogos: os dados verificados e a opinião de outros pesquisadores

A tendência qualitativa no campo musicoterapêutico, verificada nas duas revistas aqui estudadas, mostrou que esse tipo de pesquisa merece atenção quanto aos aspectos teóricos, metodológicos e práticos. No entanto, o fato marcante que percorreu todos os períodos das publicações e que emergiu na análise dos dados, foi a oscilação na forma com que os autores estruturam as descrições de suas pesquisas. Observamos que foi recorrente tanto a ausência da identificação do caráter da pesquisa, como da orientação filosófica de base e, também, o pouco detalhamento das estratégias metodológicas utilizadas. Por outro lado, outro evento que se destacou foi o empenho dos musicoterapeutas na produção e qualificação das pesquisas em resposta a chamados feitos em artigos publicados notadamente por M. A. Santos (1996; 2004a). O enfrentamento da necessidade de pesquisar para fortalecer a profissão foi o retorno do campo ao apelo do teórico previdente.

De maneira bem contraditória, estes parecem ser os pontos nevrálgicos da construção do nosso campo: mostramos empenho, resiliência e força como grupo, mas trabalhamos isoladamente na criação de teoria e prática, fato que se revela na forma como relatamos nossas investigações. Essa não é uma constatação nova, nem inédita. Em 2001, Barcellos anunciava em palestra no III Fórum Paranaense e II Encontro Nacional de Pesquisa de Musicoterapia que, ao falar de pesquisa, "estamos falando no 'calcanhar de Aquiles' da musicoterapia brasileira" (p. 126). Os pontos fracos por ela salientados centravam-se nas interrupções de grupos de pesquisa, descontinuidade das pesquisas e a falta de interlocução para a realização de pesquisas em parceria. No mesmo evento, Chagas (2001) também alertou que a realização de pesquisa "se impõe como indispensável à continuidade de nosso conhecimento". Precisamos conduzir investigação segura que nos leve a mais conhecimento" (p. 35). Para complementar, Aigen (2001), também convidado para esse encontro de pesquisa, disse que "especializar-se como pesquisador qualitativo é uma habilidade a ser aprendida dedicando-se à atividade de pesquisa" (p.54).

Mais recente, em revisão de artigos publicados na BRJMT e InCantare, Barros (2017) sugeriu que o desenvolvimento da área da musicoterapia tem ocorrido "especialmente pelo desenvolvimento da pesquisa científica" (p. 81). A autora analisou



91 artigos e constatou que “apenas 40% (36 artigos) descrevem a abordagem metodológica utilizada” (p. 98). O conjunto de artigos estudados pela autora mostrou a “Pesquisa Descritiva e a Pesquisa Bibliográfica como as principais abordagens metodológicas” (p. 100).

Referindo-se aos Encontros Nacionais de Pesquisa em Musicoterapia (ENPEMT), eventos em geral associados a fóruns ou simpósios da área, Oselame e Carvalho (2013) constataram que “a pesquisa em Musicoterapia no Brasil está em movimento” (p. 60). Em sua análise do estado da arte da pesquisa brasileira entre 2006 e 2011, essas autoras comentaram que o viés qualitativo já se mostrava em evidência. Do diálogo que as autoras articularam entre musicoterapeutas que também se debruçavam sobre a temática, destacamos aqui dois outros chamados. O primeiro, de Piazzetta (2006) que, a partir de um levantamento nacional sobre a pesquisa em musicoterapia, alertou o campo para o aprimoramento dos aspectos teórico-metodológicos na elaboração de pesquisas. O segundo, quando M. A. Santos (2004b) referiu-se às alterações que o paradigma qualitativo estava inserindo nos modos de pesquisar em musicoterapia.

Quanto aos aspectos metodológicos, Chagas (2001) havia comentado em palestra no II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia que as pesquisas iriam nos ajudar a mapear as “dificuldades específicas” (p.58) de nossa área. Por outro lado, ela indicou alguns desafios que a condução de pesquisas poderia suscitar, como rigor metodológico que permitisse ao musicoterapeuta investigar seu próprio trabalho uma vez que as condições de trabalho e estudos nos insere no duplo papel de exercer a prática e, ao mesmo tempo, pesquisá-la. Também em palestra sobre a pesquisa, no II Fórum Paranaense de Musicoterapia, Barcellos (2000) ao indicar dificuldades de se fazer pesquisa no Brasil, comentou que muitos musicoterapeutas dão “tratamento de pesquisa ao seu trabalho sem ter esta como objetivo” (p.14). Há vinte anos, ela contava que tinha conhecimento de “cinco pesquisas oficiais ou sistemáticas desenvolvidas no Brasil (p.14) ... pois não é uma prática comum na nossa profissão (p. 15). Na sequência do texto, a autora questionou se os “métodos tradicionais<sup>7</sup> de pesquisa dão conta do que se quer da pesquisa em musicoterapia” (p. 20). Referindo-se às considerações do

---

<sup>7</sup>Aqui Barcellos (2000) se referiu aos “métodos experimentais convencionais” (p. 21).

musicoterapeuta holandês Smeijsters, ela disse que esse autor “mostra que os erros nas pesquisas de musicoterapia são em parte resultantes do fato de que os métodos de pesquisa utilizados, com frequência não combinam com o assunto ou com o tema da pesquisa” (p. 21). Mais adiante Barcellos considerou que os métodos qualitativos talvez dessem conta de todas essas contradições e assinalou que essa abordagem “vem sendo utilizada desde 1980 inclusive por pesquisadores de áreas que se utilizam da pesquisa quantitativa” (p. 22). Ela concluiu sua exposição com a solicitação de que estratégias descritivas fossem utilizadas nas pesquisas e que houvesse preparação, já nos cursos de graduação, para a construção de investigações e reflexões úteis à comunidade e ao desenvolvimento do campo. Observou, ao encerrar sua apresentação, que o problema da pesquisa “se arrasta de congresso a congresso, sem que se consiga avançar” (p. 23).

### **Comentários finais**

Na caminhada de quase dois séculos, pensadores do mundo ocidental consolidaram a pesquisa das ciências naturais. A pesquisa qualitativa, com uma proposta paradigmática diferenciada, tem uma trajetória mais curta, figurou nos finais dos anos 1900 e ainda se encontra em processo de construir credibilidade e aceitação. A pesquisa em musicoterapia, pelo que vimos nos dados, adotou com ênfase o pensar qualitativo para a construção de conhecimentos na área. A pesquisa musicoterapêutica acadêmica brasileira, conforme informou Chagas (2001), tem suas pioneiras nas décadas de 1970 com Di Pâncaro e 1980 com Clarice Moura Costa e Martha Negreiros. Os passos da pesquisa qualitativa descritos acima confirmam que esse tempo coincide com o começo da realização de pesquisas qualitativas no Brasil. Isso mostra que os/as musicoterapeutas acompanharam outras áreas na construção de saberes em busca do desenvolvimento teórico e reconhecimento científico.

Os textos revisados mostraram que o pensamento indutivo, a pesquisa exploratória e a abordagem qualitativa têm figurado no campo de estudos musicoterapêuticos. Também revelaram que os fazeres musicoterapêuticos são diferenciados e específicos e batalham para se situar no campo da ciência.

Nossas pesquisas são necessárias tanto para acrescentar conhecimento no âmbito da troca entre profissionais, em uma dinâmica interna ao campo, quanto, para

incrementar o diálogo com outras áreas científicas. Essa seria a direção externa ao campo que, em movimento expansivo de informações sobre nossas práticas, abre espaços para o reconhecimento da musicoterapia na sociedade.

Cabe a nós, musicoterapeutas, as decisões de como alimentar e fortalecer estes dois movimentos. As especificidades de nossa área nos impelem a cuidar de detalhes e criar formas de trabalhar estratégias de pesquisa que dêem espaço para mostrar o trabalho e validar os resultados. O campo já adquiriu maturidade para enfrentar esse desafio uma vez que a pesquisa qualitativa, como visto, exige rigor metodológico para sua credibilidade. As revisões sistematizadas comprovam que o volume de trabalhos publicados já permite análises sobre o conhecimento obtido. Já constituímos um corpo de práticas, de dados, de análises e de reflexões que nos permitem questionar a nós mesmos.

Parece que nos deparamos, agora, com um limite que pede superação, com um questionamento que solicita diretriz. Se estivermos inaugurando uma nova etapa, como sugerem os dados, que caminhos de pesquisa podemos seguir para avançar no processo de construção teórica e metodológica da profissão? Parece que o momento pede por uma ação coletiva dos/as profissionais pesquisadores/as em busca de alternativas que fortaleçam a pesquisa musicoterapêutica. Ansdell, no Congresso Mundial de Musicoterapia de 2020, fez mais um chamado. Ele nos convidou a estudar os detalhes minuciosos de recortes de nossa prática para que as pesquisas descrevam o que realmente a musicoterapia é (Ansdell, 2020).

Os conceitos sobre a pesquisa qualitativa que apresentamos nesse artigo evidenciaram que essa abordagem acolhe os fatos vivenciados, as interpretações de diferentes narrativas e os saberes comuns que emergem das práticas cotidianas dos/as participantes das pesquisas. Por ser assim, aberta a uma diversidade de modos de fazer ciência, a pesquisa qualitativa tem servido aos nossos esforços de construir de conhecimentos próprios da musicoterapia. Esse fazer tem se apoiado em ações de observar e descrever o visto e percebido em relatos de práticas. As análises se debruçaram sobre a categorização dos conteúdos de relatórios de sessões e diários de campo. Percebemos, porém, que carecemos de detalhamentos sobre o que significa para nossos fazeres e saberes, a observação e o relatório de encontros/sessões. Ainda

abordamos essas duas formas preponderantes de ação musicoterapêutica como se subentendidas entre pares, na dinâmica interna ao campo. O alcance da comunicação externa ao campo diminui quando detalhes que costumam esclarecer especificidades da área são pouco tratados, as mensagens ficam endógenas. Dessa forma, os profissionais do campo entendem ou subentendem a mensagem, enquanto que profissionais de outras áreas têm acesso a termos generalizantes que impedem a compreensão do que seria a observação e a descrição de eventos da prática musicoterapêutica. Lembrando Ansdell (2020), se trata de criar estratégias para observações e descrições que dêem conta do que realmente acontece quando as sonoridades se cruzam com as interações musicoterapeuta e participante.

Nossa intenção, ao tramar os fios que compuseram esse tecido de histórias e opiniões aqui apresentado, foi a de mostrar o quanto nosso campo tem respondido aos chamados para o crescimento, o desenvolvimento da musicoterapia. A crescente publicação de pesquisas parece ser uma tendência sem volta que reflete a preparação dos/as profissionais e o anseio por lançar bases científicas para nossos fazeres. Se a análise crítica foi a diretriz escolhida para este trabalho, ressaltamos que os textos assinados por essa autora se encontram no conjunto dos dados e se enquadram nas observações que os próprios dados nos levaram a concluir. Minha percepção, após analisar as linhas cronológicas aqui criadas, é a de que estamos frente a um ponto de virada. Cabe a cada pesquisador/a abrir o diálogo em busca de caminhos que nos levem a mostrar, não de forma uniformizada e única, mas de maneira consensual entre o campo, o que realmente queremos estudar e de que forma iremos relatar nossos trabalhos. A contemporaneidade nos permite formas abertas de pesquisar e caminhos inovadores para o estudo dos fazeres da musicoterapia e de suas especificidades.

## Referências

- Aigen, K. (2001). Metodologia da pesquisa qualitativa em musicoterapia (Resumo expandido). In Associação de Musicoterapia do Paraná. *Anais. III Fórum de Musicoterapia. Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, (p.54-56). Curitiba, Brasil.
- Amir, D. Research in Music Therapy: Quantitative or Qualitative? *Nordic Journal of Music Therapy*, 2(2), 3-10. DOI: <https://doi.org/10.1080/08098139309477795>
- André, M.& Gatti, B. (2010) A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.

- Ansdell, G. (2020). Advancing research in music therapy. *Spotlight session16 World Congress of Music Therapy*. Online from South Africa. Pretoria.
- Araújo, I. L. (2008). *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Editora da UFPR.
- Barcellos, L. R. (2000). Sobre pesquisa em musicoterapia (Resumo expandido). In Associação de Musicoterapia do Paraná. *Anais. II Fórum de Musicoterapia do Paraná*, (p.14-23). Curitiba, Brasil.
- Barcellos, L. R. (2001) Pesquisa em Musicoterapia: prioridades e estratégias (Resumo expandido). In Associação de Musicoterapia do Paraná. *Anais. III Fórum de Musicoterapia. Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, (p. 126-129). Curitiba, Brasil.
- Barcellos, L. R. (2004). As experiências musicoterápicas nos cursos de musicoterapia: uma pesquisa qualitativo-fenomenológica. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano IX, 7, 66-83, <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/8-As-%E2%80%9CExperi%C3%A4ncias-Musicoter%C3%A1picas%E2%80%9D-nos-Cursos-de-Musicoterapia.pdf>.
- Barros, A. M. de. (2017). Arte e ciência: análise das abordagens metodológicas da produção científica em musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XIX, 22, 79-106. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/06/4-Arte-e-Ci%C3%A4ncia-An%C3%A1lise-das-abordagens-metodol%C3%B3gicas-da-produ%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-em-musicoterapia.pdf>.
- Benenzon, R. O. (1985). *Teoria da musicoterapia*. São Paulo: Summus.
- Botelho, L. R.; Cunha, C. C. de A.& Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11),121-136. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- Brasil, C. C.; Caldas, J. M. P.; Silva, R. M.& Bezerra, I.C. (2018). Considerações introdutórias. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa na saúde. In Silva, R. M.; Bezerra, I. C.; Brasil, C. C.; Moura, E. F. (Orgs). *Estudos Qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações* (pp. 21-28). <https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook>.
- Bruscia, K. (2014). *Defining Music Therapy*. USA: Barcelona Publishers.
- Chagas, M. (2001). Saúde e pesquisa. Ressonâncias na história (Resumo expandido). In Associação de Musicoterapia do Paraná. *Anais. III Fórum de Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, (p.56-61). Curitiba, Brasil.
- Cirigliano, M. da S. (1998). Pesquisa na clínica musicoterápica: a canção como âncora terapêutica. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano III, 4, 33-40. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2019/04/Pesquisa-na-cl%C3%ADnica-musicoter%C3%A1pica-a-can%C3%A7%C3%A3o-como-%E2%82%BCncora-Terap%C3%A1utica.pdf>.

- Comte, A. (2016). *Discurso sobre o método positivo*. São Paulo: Edipro.
- Cordeiro, A.; Oliveira, G. M.; & Rentería, J. M, Guimarães, C. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Grupo de Estudo de Revisão Sistemática do Rio de Janeiro (GERS-Rio)*, 34(6), 421-438 <https://www.scielo.br/pdf/rcbc/v34n6/11>.
- Correia, C. M. F. (1998). Lateralização das funções musicais na epilepsia parcial. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano III, 4, 66-69. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/7-Lateraliza%C3%A7%C3%A3o-das-Fun%C3%A7%C3%B5es-Musicais-na-Epilepsia-Parcial.pdf>.
- Coyle, S. (2011). A qualitative analysis: the effect of Music Therapy on a person with intellectual disability. Monografia de Especialização em Ciências Sociais, School of Arts, Dublin, Irlanda. [https://esource.dbs.ie/bitstream/handle/10788/312/ba\\_coyle\\_s\\_2011.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://esource.dbs.ie/bitstream/handle/10788/312/ba_coyle_s_2011.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
- Craveiro de Sá, L. (1998). A musicoterapia na neuropsiquiatria infantil: os estados autísticos. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano III, 4, p. 70-80. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/8-A-Musicoterapia-na-Neuropsiquiatria-Infantil-os-Estados-Aut%C3%ADsticos.pdf>.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. USA: SAGE Publications.
- Duchastel, J. & Laberge, D. (2019). Entre qualitatif et quantitatif; complexité, interprétation et découverte. *Recherches qualitatives*, 38,(2), 5–24, 2019. <https://doi.org/10.7202/1064928ar>.
- Durant, W. (1996). A história da filosofia. *Coleção Os Pensadores*. Rio de Janeiro: Nova Cultural.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artemed.
- Forinash, M. (1993). An exploration into qualitative research in music therapy. *The Arts in Psychotherapy*, 20 (1), 69-73. [https://doi.org/10.1016/0197-4556\(93\)90033-X](https://doi.org/10.1016/0197-4556(93)90033-X)
- Francelin, M. M. (2004). Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxo. *Ci. Inf.*, Brasília, 33(3), 26-34. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652004000300004>.
- Gallicio, M. H. (2001). Pedro e o Lobo. Musicoterapia com crianças em quimioterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano IV, n. 5, 81-93. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/8-Pedro-e-o-Lobo-Musicoterapia-com-crian%C3%A7as-em-Quimioterapia-Maria-Elena-Gallichio.pdf>.
- Krief, N. & Zardet, V. (2013). Analyse de données qualitatives et recherche intervention. *Recherches en Sciences de Gestion*, n.95, 211-237.

<https://www.cairn.info/revue-recherches-en-sciences-degestion-2013-2-page-211.htm>.

Lincoln, Y. S. & Guba, E. G. (2000). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In, N. K. Denzin & Y. Lincoln (Eds.). *The handbook of qualitative research*. EUA: Sage Publications.

Martins, H. H. T. de S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289-300. <https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>.

Mòl, G. (2017). Pesquisa qualitativa em ensino de química. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(9), 495-513. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/140/96>.

Moore, S. (2015). Quantitative and qualitative research of music therapy interventions with adult mental health populations: a descriptive analysis to guide future and clinical research and clinical practice. Dissertação de mestrado. College of Music. Florida State University.

Muchielli, A. (2007). Les processus intellectuels fondamentaux sous-jacents aux techniques et méthodes qualitatives. *Recherches Qualitatives*. Colletion Hors Series, 1-27. [http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors\\_serie/hors\\_serie\\_v3/RQ-HS-3-Numero-complet.pdf](http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors_serie/hors_serie_v3/RQ-HS-3-Numero-complet.pdf).

Oselame, M. & Carvalho, F. (2013). A pesquisa em musicoterapia no cenário social brasileiro. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XV, 14, 67 – 80. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/6-A-PESQUISA-EM-MUSICOTERAPIA-NO-CEN%C3%81RIO-SOCIAL-BRASILEIRO.pdf>.

Padilha, M. I. C. de S; Borenstein, M. S.. O método de pesquisa histórica na enfermagem. *Texto contexto - enferm.*, 14(4), 575-584, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000400015>.

Peinado, M. R. S. de S. (2009). Santo Agostinho, o teórico da igreja na idade média (Resumo expandido). In ANPUH. *Anais.XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, Brasil. [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190\\_62c7e1d67c36b3daaf8be3b653317c99.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_62c7e1d67c36b3daaf8be3b653317c99.pdf).

Pelaccia, T.; Paillé, P. (2011). La recherche qualitative en pédagogie médicale : histoire, pratique et légitimité. *Pédagogie Médicale*, 12(3), 179-182, 2011. <https://pdfs.semanticscholar.org/47ed/27af840979c7ffcc9cacf5a75600b39f301d.pdf>.

Piazzetta, C. (2006). O Desenvolvimento da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil (Resumo expandido). *Anai. XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia*. Goiânia, Brasil.

Ruud, E. (1998). *Music Therapy: improvisation, communication, and culture*. USA: Barcelona Publishers.

Saforcada, E. (1999). *Psicología Sanitaria*. Análisis crítico de los sistemas de atención de la salud. Argentina: Paidós.

- Santos, B. de S. (n. d).Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna.*Estudos Avançados*. S/data. <https://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>.
- Santos, B. de S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Grall.
- Santos, M. A.(1996). Musicoterapia. Aspectos da construção de uma carreira. *Revista Brasileira de Musicoterapia*,ano I, 2, 42-47. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/12/5-Musicoterapia-aspectos-da-constru%C3%A7%C3%A3o-de-uma-carreira.pdf>.
- Santos, M. A. (2004a). Ética na pesquisa em musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano IX, 7, 43-48. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/6-%C3%89tica-na-Pesquisa-em-Musicoterapia.pdf>.
- Santos, M. A.(2004b). Para a Construção de uma Agenda Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (Resumo expandido). InConservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.*Anais*. V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Curitiba, Brasil.
- Silva, A. da; Castro-Silva , C. R.& Moura, L. (2018). Pesquisa qualitativa em saúde: percursos e percalços da formação para pesquisadores iniciantes, *Saúde Soc.*, 27(2),632-6458.<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/XZh9NzxWmDrbV7HD9wS4Yxp/?lang=pt>
- Silva, O. V. (2018).As grandes revoluções do século XVIII e o iluminismo. *Revista Científica Eletrônica da Pedagogia*, ano XVII, 3. [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/2nwjMOpLyWln7m3\\_2018-10-6-10-38-31.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/2nwjMOpLyWln7m3_2018-10-6-10-38-31.pdf).
- Teixeira, N. F. (2015). Metodologias de pesquisa em educação: possibilidades e adequações. *Caderno Pedagógico*, 12(2), 7-17.<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/955>.
- Turin, R. (2014). Método analítico-indutivo: experiência, observação e conhecimento histórico. In: Teixeira, F. C.; Rodrigues, H. E.; Caldas, P. S. P.& Turin, R. (Orgs). *Metodologia da Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 115-150.<https://canal.cecierj.edu.br/012016/d52c9e6523788d91b65aac212a122404.pdf>.
- Uricoechea, A. S. (1997). Construindo sons e suas ressonâncias. Uma aplicação do setting musicoterapêutico. *Revista Brasileira de musicoterapia*, ano II, 3, 35-40.<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/12/4-Construindo-Sons-e-suas-Resson%C3%A2ncias.pdf>.
- Zanette. M. S. (2017). Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. *Educar em Revista*, 65, 149-166. <https://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00149.pdf>.
- Zanini, C. R. de O.; Piazzetta, C. M.; Trelha, B.; Borne, L.& Albuquerque, L. (2010). Musicoterapeutas pesquisadores. Uma atualização de dados e sugestões para futuros encaminhamentos. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XI, 10, 4-13. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/01-Musicoterapeutas-Pesquisadores-%E2%80%93-Uma-Atualiza%C3%A7%C3%A3o-De-Dados-E-Sugest%C3%B5es-Para-Futuros-Encaminhamentos.pdf>.



Zanini, C. R. O. (2002). Musicoterapia: semelhanças e diferenças na produção musical de alcoolistas e esquizofrênicos. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano V, 6, 97-109. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/9-Musicoterapia-Semelhan%C3%A7as-e-Diferen%C3%A7as-na-Produ%C3%A7%C3%A3o-Musical-de-Alcoolistas-e-Esquizofr%C3%AAnicos.pdf>